



Fotos: Daniel Hammes

Desde 2002 o Capa desenvolve o trabalho de segurança alimentar na Aldeia Coxilha da Cruz, em Barra do Ribeiro (a 103 km ao sul de Porto Alegre - RS). O trabalho consiste no apoio à agricultura e, mais recentemente, trabalho de apicultura. Nas mãos da pequena Maiara (foto ao lado), estão as variedades "Avati Taquá" e "Avati Pará". Conta uma das lendas guaranis que a última variedade é especial, pois teria sido encontrada pelos índios dentro de um bambu, que representou a manutenção das sementes para a nação. "Para preservar do ataque ao caruncho, os índios deixam as sementes de milho penduradas perto de uma fogueira, recebendo fumaça" (foto abaixo), conta o engenheiro agrônomo do Capa que atende a aldeia, Eduardo Medeiros.



Foto: Jaime Weber



Em Santa Cruz do Sul, comunidades indígenas, junto com técnicos do Capa, estão resgatando sementes conhecidas, além de identificar novas variedades adaptadas às condições ambientais.

o recado da terra

Ano XIV, número 29, julho de 2006



O sofrimento da terra

Lançada cartilha sobre Homeopatia

Página 4

Agricultores conhecem o gado lageano

Página 9



Encontro Nacional de Agroecologia

Página 11

Sol ou chuva?

Não são só os agricultores que sentem a mudança do clima – os moradores das cidades também. No entanto, a agricultura é a primeira que sofre. Este é o tema central desta edição do Recado da Terra, que foi falar com especialistas, técnicos e agricultores para entender melhor o que está acontecendo.

Quando ouvimos falar de Protocolo de Kyoto, créditos de carbono, podemos pensar: mas o que eu tenho a ver com isso? A resposta para um problema que aparentemente está tão longe de nós cai como uma bomba no nosso quintal. É a seca, a estiagem, a poluição, a terra esgotada, a falta de alimentos, e assim por diante.

As perspectivas não são as melhores mas existem alternativas e saídas. A agroecologia trata a terra com cuidado e respeito, com a proposta de manter a sustentabilidade também no futuro.

Erramos

Na última edição do Recado da Terra saiu trocado o título da capa. Ao invés de “Santa Cruz cria extensão no Vale do Rio Pardo” o título correto é “Santa Cruz cria extensão no Vale do Taquari”.

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Capa, que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Núcleos e coordenações

Núcleo Erechim/RS – Ingrid Giesel

capa-erexim@capa.org.br

Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar

capa-rondon@capa.org.br

Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Jaime Weber

capa-santacruz@capa.org.br

Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita

capa-pelotas@capa.org.br

Núcleo Verê/PR – Rome Schneider

capa-verê@capa.org.br

Editora: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)

Jornalistas: Rosina Duarte, Daniel Hammes e

Batista Daniel Weber

Projeto gráfico e editoração: Cristina Pozzobon

Fotografias: arquivo Capa, Daniel Hammes,

Luiz Abreu (capa e págs. centrais) e

Vladia Lima/ Ag. Balão (foto menor capa)

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano. Esta edição

foi impressa em julho de 2006. Para mais informações,

acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras do Capa

Fundação Luterana de Diaconia – FLD e Serviço das Igrejas

Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento/

Evangélicher Entwicklungsdienst – EED



Gratidão com a produção de alimentos saudáveis

Este foi o motivo de intercessão comum lançado pelo pastor presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, Walter Altmann, no dia 22 de junho, pelo Dia da Colheita.

No dia 25 de junho celebramos em nossas comunidades o *Dia de Ação de Graças*. Há tantas coisas pelas quais podemos e devemos expressar nossa gratidão a Deus. Por conta de nossa história e de nossa tradição, celebramos neste dia, sobretudo, a gratidão pela colheita, pelos frutos da terra, mesmo naqueles momentos em que, por diferentes motivos, a produção foi abaixo do que se esperava. Ao expressarmos nossa gratidão a Deus, também somos chamados a refletir sobre os modelos de produção agrícola em nosso país e no mundo, e sobre a nossa responsabilidade como cristãos com a criação de Deus, com a preservação da vida e a produção de alimentos saudáveis.

A moderna agricultura conseguiu aumentos expressivos de produção nos últimos 50 anos. Novos conhecimentos nas áreas da química, da genética e recentemente da engenharia genética foram responsáveis por esse grande salto. Porém, essa revolução trouxe também muitos impactos negativos. Os custos de produção são crescentes na medida em que essa agricultura é extremamente dependente do petróleo, base dos adubos químicos e do diesel. A natureza vem sendo seriamente afetada pelo uso de agrotóxicos e da mecanização intensiva. Ecossistemas frágeis como o Cerrado e o Pantanal Matogrossense, por exemplo, são destruídos para implantar grandes lavouras de soja e de cana-de-açúcar. O agricultor é o elo mais frágil desta complexa engrenagem chamada agronegócio.

A agroecologia é uma alternativa a esse modelo de agricultura que não respeita a natureza, e que coloca sob risco o futuro das próximas gerações. A agroecologia é um jeito de fazer agricultura por meio da qual a pessoa não simplesmente domina a natureza, mas trabalha com ela, procura



Foto Batista Weber

Igreja Luterana lembra alimentos saudáveis no Dia da Colheita

compreendê-la e assumi-la como parceira no processo de produção.

A agroecologia não é uma volta ao passado, pois também incorpora novos conhecimentos na busca de um desenvolvimento sustentável. Ela é o resultado de um grande esforço coletivo de agricultores e agricultoras, que trocam informações e experiências, em busca da produção de alimentos abundantes e saudáveis. Para tanto, organizam-se em pequenos grupos e contam com o apoio de organizações não-governamentais, como, entre inúmeras outras, o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Capa, na IECLB. Nos últimos anos, esses grupos vêm conseguindo espaço e apoio também de órgãos governamentais. Eles comercializam sua produção em feiras livres, redes de supermercados e mercados institucionais, como o programa Fome Zero.

Como cristãos buscamos inspiração e orientação na Palavra de Deus, também nas questões relacionadas à produção e aos modelos de desenvolvimento em vigência, que colocam em risco a sobrevivência do gênero humano e a vida no planeta. Assim, o compromisso com uma agricultura sustentável fundamenta-se e é impulsionado por nossa fé no trino Deus. O Espírito de Deus pairava sobre a face das águas, e através da Palavra Deus criou tudo o que existe (Gn 1.2s), formando uma rede de

vida interdependente. E viu Deus “que era muito bom” (Gn 1.31). Criados à imagem de Deus, os seres humanos são chamados a cuidar, manter e desenvolver responsávelmente o que Deus criou.

Deus distingue os seres humanos com a vida, a dignidade, a liberdade, a capacidade e tudo o que é necessário para que possam “lavar e cuidar o jardim” (Gn 2.15), sempre com respeito ao próximo e aos limites e potencialidades da criação. Os seres humanos estão continuamente transformando essa boa criação de Deus, na condição de co-criadores, cooperando com Deus na história. Afirmando, desta forma, o compromisso com a vida, em perspectiva comunitária e em sintonia com a criação, correspondendo à sabedoria e ao desígnio de Deus. Por isso, propusemos como motivo de intercessão comum na IECLB, no domingo 25 de junho e nos subsequentes, a seguinte petição comum:

Deus, levamos a ti nossa gratidão pela abundância dos alimentos que colhemos.

Ajuda-nos a sermos dedicados no cuidado de Tua generosa criação.

Cresçamos como Igreja nessa comunhão de oração.

Na paz de Cristo,

P. Dr. Walter Altmann
Pastor Presidente da IECLB

MDA visita Santa Cruz

O delegado federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Nilton Pinho de Bem, esteve em Santa Cruz do Sul - RS e, entre vários outros compromissos, se reuniu com a equipe técnica do Capa, no dia 6 de fevereiro, para debater sobre a situação e perspectivas da agricultura familiar. Segundo Pinho de Bem, é muito importante que todos os atores possam contribuir na elaboração de propostas e alternativas para os agricultores da região, conhecida pela sua produção de fumo.

Uma posição de força

Com o título “Os pobres possuirão a terra” (Salmo 37.11), a Comissão Pastoral da Terra – CPT está divulgando uma proclamação conjunta de bispos católicos romanos, episcopais anglicanos e metodistas e pastores sinodais luteranos sobre a realidade agrária brasileira. Firmada em 30 de março de 2006, vale ser lida e discutida. Como diz sua introdução, é preciso “encontrar os melhores caminhos para apoiar a causa de todos que vivem do trabalho da terra, para que cresçam na construção de sua autonomia e na busca de soluções duradouras para seus problemas”.

Dicas de comercialização

O Recado da Terra trouxe, na sua última edição, as feiras e a comercialização de produtos agroecológicos. Sobre o assunto, com o título “Produção Ecológica – Alternativas de Comercialização”, o núcleo de Verê tem uma cartilha com dicas simples e acessíveis. A cartilha propõe “discutir com os agricultores possíveis canais de comercialização da produção ecológica”, confirma a coordenadora Rome Schneider, autora do material junto com Valdir Luchmann.

Prêmio nacional



Loro Natal Bosenbecker participou de 26 a 29 de janeiro do 4º Encontro Nacional da Pastoral Popular Luterana – PPL, Celebrar Jeitos, que aconteceu em Shroeder – SC. Ele recebeu uma homenagem oferecida a cada encontro para uma pessoa ou entidade por serviços prestados à sociedade.

Ele também esteve no 1º Encontro Nacional que aconteceu em Palmeira de Santa Joana - ES. “A partir do encontro em Santa Catarina, é

me senti motivado a participar mais. O resultado dessa caminhada é gratificante pela confiança que foi depositada nesse tempo para continuar fazendo meu trabalho de participação e divulgação da PPL”, comentou Loro Natal. A homenagem escrita pelos amigos de caminhada falava um pouco da forma de trabalhar de Loro. “Não é um homem de carregar a bíblia debaixo do braço, mas de escutar e agir”, dizia o texto, que deixou Loro ainda mais emocionado ao receber esse importante reconhecimento.

Capacidade de recriar

A data de aniversário de Ellemar Wojahn, candidato a deputado estadual pelo Rio Grande do Sul, foi altamente comemorada, com uma festa de aniversário em Pelotas e outra em São Lourenço do Sul. No total, mais de 700 pessoas estiveram presentes nos dois eventos, incluindo agricultores, pescadores, lideranças eclesiais, de cooperativas e associações, além de familiares e amigos. Outra presença de destaque foi a do ex-ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto.

Ellemar foi o primeiro engenheiro agrônomo contratado para trabalhar no Capa e, durante os seus 17 anos de coordenação, acabou por imprimir muito do seu jeito na entidade. “Acho que o grande aspecto do Capa é a eterna capacidade de se recriar. A pergunta ‘Qual é o nosso papel agora?’ está sempre presente. O Capa tem uma dinâmica social e tem o que eu considero, até hoje, sua principal característica: de buscar os mais pobres dentre os pobres.”

Representantes da EED no Brasil

A coordenação do Consórcio Capa – integrada pelos coordenadores dos cinco núcleos – recebeu, nos dias 21 e 22 de maio, em Santa Cruz do Sul, o diretor do Departamento para América Latina do Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento (EED, a sigla em alemão), Uwe von Asseln, e o responsável pelo Brasil, Luciano Wolff. “Estamos muito satisfeitos com o trabalho que vem sendo realizado”, disseram Wolf e Asseln-Keller, que também visitaram uma das feiras ecológicas promovidas em conjunto com a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas – Ecovale. A visita foi acompanhada pela Fundação Luterana de Diaconia, através do seu secretário executivo, pastor Silvio Schneider, e da assessora programática Ana Cristina Kirchheim.

Semelhança não é só coincidência

O Capa participou na abertura da pré-conferência da Organização das Nações Unidas – ONU, em Porto Alegre – RS, no dia 6 de março, com a apresentação do Projeto Quilombolas. Nesta área, os temas foram “Território, Cultura e Biodiversidade; Intercâmbio África-Brasil; e a seguir, na Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural, que aconteceu de 7 a 9 de março.

A promoção do evento foi da Rede Africana de Biodiversidade – ABN (*African Biodiversity Network*), que promove o desenvolvimento sustentável, a conservação da biodiversidade e o reconhecimento do papel central do conhecimento das comunidades locais. A ABN congrega indivíduos e organizações de 15 países africanos e dois países europeus, com mobilizadores em Gana, Etiópia, Quênia, Uganda, Zâmbia e África do Sul. A outra promotora do evento, Fundação Gaia (*Gaia Foundation*), é uma ONG sem fins lucrativos com sede em Londres que, nos últimos 20 anos, tem trabalhado pela conservação da diversidade biológica e cultural e dos direitos das comunidades locais. Qualquer semelhança – com o Capa – não é mera coincidência.

Projeto repassa

novos equipamentos

No mês de maio, quando comemorou 28 anos de existência, o Capa ganhou um “presente especial”, que deve facilitar o seu trabalho. Nesse dia, através da Prefeitura Municipal de Saltinho – SC, recebeu dois veículos, um computador portátil e um projetor multimídia, repassados com recursos do Governo Federal, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. “No final de 2004, os núcleos de Erexim, Marechal Cândido Rondon e Santa Cruz do Sul elaboraram o projeto Fortalecimento e Ampliação de Ações de Assistência Técnica e Extensão Rural em Agroecologia e Desenvolvimento Local/Regional Sustentável no Sul do Brasil, junto com outras entidades”, relatou a coordenadora em Erexim, Ingrid Giesel. O projeto prevê recursos para as atividades de capacitação e formação dos agricultores familiares, bem como veículos e equipamentos para auxiliar no desenvolvimento das atividades. Os outros núcleos ainda devem receber os equipamentos.

Rondon é sede de encontro sobre agroecologia

O crescente interesse pela agricultura orgânica no Estado do Paraná resultou na realização do 1º Encontro Regional de Agroecologia – Era, nos dias 11 e 12 de maio, na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR. “As expectativas foram cumpridas muito além do esperado”, afirmou Vilmar Saar, coordenador do Capa em Marechal Cândido Rondon, uma das entidades organizadoras. Mais de 230 pessoas participaram das palestras, oficinas e troca de experiências – realizadas no pavilhão da Comunidade Evangélica Luterana Martin Luther (da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB).

“Queríamos realizar um evento bem ‘pé no chão’, envolvendo agricultores, lideranças e técnicos, com muito intercâmbio de experiências”, disse Vilmar. Em anos anteriores, já aconteceram grandes eventos na região, relacionados ao tema. “Mas sentimos



Público lotou o pavilhão da Comunidade Evangélica

a necessidade de aprofundar o debate sobre agroecologia a partir da perspectiva dos agricultores familiares e não somente dos técnicos”, confirmou Vilmar.

A previsão é que o evento aconteça todos os anos. Além do Capa, a realização foi da Emater, Itaipu

Binacional, Universidade Estadual do Oeste do Paraná e da Prefeitura de Rondon. O patrocínio foi do Capa Rondon, Itaipu Binacional, Governo do Paraná, Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, Secretaria do Meio Ambiente do Estado e Paraná Biodiversidade.

Cartilha de homeopatia

A cartilha “Homeopatia Simples – alternativa para a agricultura familiar” –, lançada durante o Encontro Regional de Agroecologia, é uma elaboração conjunta do Grupo de Estudos de Homeopatia na Agricultura Alternativa da Universidade Estadual de Maringá – PR, Capa e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

De acordo com o organizador da publicação, pesquisador e professor Carlos Moacir Bonato, a cartilha é uma ferramenta simples e

acessível na área de homeopatia. Já o coordenador do Capa em Marechal Rondon, Vilmar Saar, lembrou que a homeopatia é uma ótima alternativa para agricultura familiar.

“Marechal Cândido Rondon tem sido um dos municípios pioneiros na difusão da homeopatia em plantas e solo”, confirmou Bonato. “Os resultados das pesquisas e das experiências práticas têm se mostrado muito promissores. Por isso, a importância do conhecimento sair do meio acadêmico e chegar nas mãos dos agricultores.”

Grupos divulgam saúde preventiva

Um encontro no Bairro Languiru, Teutônia – RS, no dia 10 de maio, reuniu mulheres dos grupos do Projeto de Saúde Comunitária – PSC, assistidos pelo Capa no Vale do Taquari. Participaram do evento 13 grupos de mulheres.

A palestrante enfermeira Maria Clélia de Castro perguntou: aonde queremos chegar com o PSC? “Queremos melhorar nossa alimentação, nossa saúde, nossa vida, deixar os maus costumes, não utilizar mais agrotóxicos,” citaram as participantes, dando início ao debate. Aspectos importantes foram destacados, entre os

quais como compreendemos a saúde em nossa comunidade; que ações de saúde existem e como são desenvolvidas; o que pode ser realizado na comunidade para fortalecer ou se tornar um espaço de produção de saúde.

O assunto seguinte a ser abordado foi a legislação do Sistema Único de Saúde – SUS e o seu funcionamento. O grupo destacou que é o direito à saúde, é um conjunto de ações e de serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições municipais, estaduais, federais ou instituições parciais. Maria Clélia alertou ainda

que este serviço deve ser integral e gratuito. Qualquer tipo de cobrança é completamente ilegal.

“Este tipo de aprendizado é fundamental, mas não basta apenas estar aqui e aprender, é preciso levar estas idéias adiante”, comentou a coordenadora dos agentes comunitários de saúde de Teutônia, enfermeira Noile Royer. Este pensamento foi reafirmado pela palestrante: “é muito importante o papel de vocês, o papel de serem multiplicadores desta idéia, de levarem essa idéia e mais informações para as suas comunidades.”

Criação bovina à base de pasto

Nos últimos anos, o Brasil deixou de ser um importador de leite, tornando-se um país exportador. Considerando esta realidade e apostando nesta importante atividade é que o Capa promoveu o curso de Criação Bovina à Base de Pasto, em Saltinho – SC, nos dias 16 a 18 de maio, reunindo agricultores e técnicos de diversos municípios.

No curso, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer o Sistema de Pastoreio Racional Voisin – PRV, em que se busca um equilíbrio e balanceamento da pastagem. Isso acontece através da divisão em piquetes e do melhoramento da pastagem a partir da utilização de diversas espécies forrageiras, como gramíneas, leguminosas ou plantas espontâneas. Os participantes verificaram que é possível produzir um leite em sistema ecológico, um leite com vida e qualidade biológica. (Fonte: Extensão Saltinho)

Africanos visitam quilombolas

Uma das comunidades quilombolas da região de Pelotas – RS, recebeu um grupo de sete africanos e um boliviano da Rede Africana de Biodiversidade (ABN, sigla em inglês), depois da conferência promovida pela ONU (leia na página 3 deste jornal), em março, na cidade de Porto Alegre.

A programação começou com uma visita à União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu – Unaic, onde o grupo de africanos conheceu como funciona a entidade que tem 18 anos e desenvolve o trabalho de resgate das sementes, buscando também agregar valor ao produto de seus associados: são 38 associações comunitárias, totalizando 720 famílias. A visita prosseguiu na Comunidade Quilombola Maçambique, onde aconteceu um almoço com integrantes das 55 famílias que a constituem, além de representantes das outras comunidades quilombolas atendidas pelo Capa.



Um passado nem tão distante: há 20 anos, seca no Alto Uruguai

A febre da Terra

A Terra está com febre. Desde a revolução industrial, em meados do século 19, a temperatura global aumentou entre 0,6 e 0,7 graus centígrados. Parece pouco mas significa muito, pois provoca mudanças climáticas importantes. Conforme respeitados cientistas mundiais, se este crescimento chegar a 2 graus centígrados, podem ocorrer interferências perigosas.

Na Terra, a camada atmosférica funciona como o vidro do carro. O chamado efeito estufa – necessário para que o Planeta se mantenha aquecido – desequilibrou com a excessiva emissão de gases tóxicos, resultando na alteração da temperatura global nos últimos 30 anos, um tempo geológico considerado curtíssimo.

Como um carro no verão
Em um dia de verão de 2006 um bebê foi deixado no carro por seus pais. Algumas horas depois estava morto. O que ocorreu dentro do automóvel é – guardadas as proporções – o mesmo que está

Não é preciso ser presidente de uma nação para assumir o compromisso de contribuir pelo restabelecimento do Planeta. Qualquer cidadão, em especial homens e mulheres da terra – agricultores e agricultoras, tem o poder e o dever de aderir a este esforço global.

Produtores rurais

- Mantenham o ecossistema o mais preservado possível em sua propriedade.
- Diversifiquem a produção por meio do cultivo de culturas alternadas e criação de animais.
- Evitem o desmatamento e as queimadas.
- Conscientizem-se de que não são apenas as matas que devem ser preservadas mas também outros biosistemas como campos nativos e banhados.
- Combatam a poluição dos recursos hídricos.

Todos os cidadãos

- Usem materiais recicláveis e biodegradáveis.
- Contribuam para o estabelecimento de refúgios, par-

ques e reservas ambientais, colaborando com o crescimento de vegetações que absorvam os gases de efeito estufa.

- Economizem água potável (não deixem a torneira correndo ou pingando, não lavem a calçada com mangueira).
- Cobrem dos governos locais e federais medidas eficientes, por meio da participação em movimentos coletivos.

Responsáveis por políticas públicas

- Promovam alternativas para o verdadeiro desenvolvimento do meio rural, por meio da pesquisa e do incentivo às vocações produtivas e de menor impacto sócioambiental.
- Debatam com as populações locais para o mapeamento dos anseios, problemas e experiências de cada região.
- Promovam o diálogo entre os centros de pesquisa e os produtores.

(Fontes: Capa e Núcleo Amigos da Terra)

Brasil na contramão

O uso inadequado da terra é o principal responsável pelas emissões dos chamados gases de efeito estufa no Brasil. Essa é uma característica genuinamente nacional, já que, em grande parte dos países, os maiores danos são causados pela queima de combustíveis fósseis. No mundo, a utilização indiscriminada dos derivados de petróleo representa 75% da origem das emissões, ficando os 25% restantes diretamente relacionados com o manejo incorreto da terra. Em terras brasileiras a relação é inversa.

Trocando em miúdos, isso significa que o Brasil está agravando o processo de mudança de clima do Planeta devido principalmente ao desmatamento brutal e às queimadas incessantes na Amazônia. A mudança na vocação dos ecossistemas também contribui. Mas os pesquisadores têm opiniões diferentes sobre as proporções do problema.

O chefe do Centro de Pesquisas e Previsões Meteorológicas da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), Gilberto Barbosa Diniz, por exemplo, acredita que os problemas de mau uso do solo na região sul do Brasil não são suficientes para agravar a situação atmosférica da Terra. Embora lembrando que não dispõem de estudos científicos para embasar sua opinião, o agrônomo Carlos Nabinger, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), doutorando no tema da segurança alimentar, pensa que a degradação do bioma dos campos sulinos não pode ocorrer impunemente. "Pesquisas comprovam que a conservação da pastagem nativa e o manejo adequado do solo fixa 20 vezes mais o carbono no solo do que uma lavoura de soja", exemplifica, citando um estudo realizado no município de Ulha Negra em 2005 que reuniu a Ufpel, Ufrgs e Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagra).

Nos últimos 30 anos, 30% dos campos foram destruídos e, do que restou, 50% tem manejo inadequa-



Fotos Amigos da Terra/Brasil

Plantar árvores como o pinus na beira de rios é ilegal - na verdade, deve-se preservar a mata ciliar ou reflorestar com espécies nativas

do, conforme levantamentos do professor. E o processo não parou por aí: "A cada ano são destruídos 134 mil hectares de campos nativos", denuncia Nabinger, baseado nos dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE).

Do ponto de vista qualitativo, os danos são incalculáveis. Alterado especialmente pela introdução da monocultura da soja e do arroz, o sul ainda é considerado um tesouro de flora e fauna. Conforme a bióloga e pesquisadora da Ufrgs, Ilse Boldrini, estima-se a existência de mais de 3 mil espécies de plantas nos campos nativos do sul, configurando o bioma – aparentemente pobre aos olhares desavisados – uma ri-

queza botânica tão rica quanto a da Mata Atlântica. Pelos dados da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, ainda sobrevivem 460 espécies de aves e 90 tipos de mamíferos no extremo sul.

O uso incorreto do solo, além de ameaçar a biodiversidade – e, em consequência, afetar o clima – causa também alterações nas fontes de fornecimento de água, o que igualmente afeta a produtividade e os lucros dos produtores. Apesar de as terras da região sul do Brasil se encontrarem no limite de suas reservas, conforme os pesquisadores, a situação pode piorar caso se alastre o modelo das monoculturas de pinus e eucaliptos.

Monocultura não é reflorestamento

O primeiro passo para entender a tendência que está sendo apresentada como a luz no fim do túnel para o produtor rural, é usar as palavras certas. "Plantio comercial de árvores exóticas como pinus, eucalipto e acácia não é e nunca será sinônimo de reflorestamento", afirma em alto e bom tom a agrônoma Carla Villanova, ativista do Núcleo Amigos da Terra e uma das articuladoras da campanha "Os Impactos da Expansão das Áreas com Monoculturas de Árvores no Rio Grande do Sul". Entre outras consequências preocupantes deste modelo produtivo, a água é a que mais preocupa os pesquisadores. De acordo com uma pesquisa feita pelo professor de zoologia Ludwig Backup, da Ufrgs, a cultura do eucalipto, por exemplo, necessita grande quantidade de água para sobreviver, pois não perde as folhas. Com isso, resseca rios e lençóis freáticos do subsolo.

De acordo com as informações divulgadas pelos Amigos da Terra em seus materiais explicativos, cada hectare plantado com árvores destas espécies pode chegar a consumir 50 milhões de litros de água por ano. Um cálculo hipotético feito pelo professor Backup toma a região de Bagé – atingida por grave estiagem no final do

verão e outono – como base. Caso sejam plantados 70 mil hectares de árvores, o consumo de água desta monocultura seria de 3,31 trilhões de litros de água por ano, ou seja, três vezes mais a média de chuvas da região, que hoje fica em torno de 1,05 trilhões de litros anuais (1.500 milímetros por ano). Baseados nestas estimativas, os ecologistas afirmam que o plantio em larga escala pode comprometer seriamente o abastecimento da população e a irrigação para o cultivo de outras culturas.

Usadas para fabricação de celulose (pinus e eucalipto) e tanino (acácia), as monoculturas de árvores vem se alastrando não apenas no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina e Paraná. No caso da celulose, é produzida apenas a polpa, posteriormente branqueada e exportada (98% da produção). "As árvores não viram livros nem cadernos escolares" esclarece a agrônoma. Tais indústrias são altamente poluidoras, o que compromete ainda mais os mananciais de água doce.

Conforme o exemplar de 23 de dezembro de 2005 da *Science*, as plantações de eucalipto no pampa argentino secaram 13% dos rios, córregos e arroios, causaram uma redução de 52% do fluxo de água dos rios e aumen-

taram significativamente a salinidade e acidez dos solos, reduzindo a fertilidade.

No rol de preocupações estão, ainda, a destruição dos ecossistemas regionais e a redução da produção de alimentos locais. "Atualmente existem 400 mil hectares plantados com exóticas em solo gaúcho e a perspectiva é de que, em 10 anos, se atinja 1 milhão de hectares. Mas não existe um estudo de impacto ambiental e nem um zoneamento dos ecossistemas mais vulneráveis", alerta Carla Villanova. Embora ainda seja polêmica a interpretação sobre a contribuição positiva das plantações exóticas na redução do efeito estufa, é quase certo que elas não contam ponto para os chamados créditos de carbono, previstos no Protocolo de Kioto. De acordo com esta espécie de comércio de carbono internacional, os países signatários precisam atingir metade das suas cotas de redução dentro do próprio território e a outra metade nos países onde têm investimento. Ou seja, "vendem" créditos de carbono investindo em tecnologias limpas. Entretanto, estas tecnologias precisam ser embasadas em pesquisas inovadoras, o que não acontece com o plantio de exóticas em solo brasileiro, na interpretação de Carla Villanova.

A redução do valor econômico da terra é mais um aspecto citado pelos participantes da campanha pelo esclarecimento do impacto das monoculturas. Depois de cortados os eucaliptos, por exemplo, sobram grandes extensões de terras arrasadas e inaproveitáveis, atapetadas pelos tocos que, para serem arrancados necessitam um trabalho mecanizado e caro. "A terra leva até 10 anos para se recompor", alerta Carla.

A ambientalista chama a atenção, ainda, para os impactos sociais: "O processo produtivo nas plantações é altamente mecanizado. Mais de 65% dos empregos são terceirizados, o que provoca êxodo rural e favelização nas proximidades das fábricas".

Por estas razões, os técnicos são unânimes em alertar para o perigo de adotar o plantio de árvores exóticas como alternativa única. Para eles, a diversificação – e não a monocultura – é a verdadeira luz no fim do túnel.

Um alerta



A foto registra o momento pós-corte das árvores de pinus. De acordo com dados do engenheiro agrônomo, ambientalista e pesquisador do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, **Carlos Alberto Dayrell (Dayrell e Dangelis – 2006 [2])**, "em todas as pequenas bacias hidrográficas onde os plantios monoculturais foram implantados observou-se um processo crescente de alteração do balanço hidrológico dos recursos hídricos superficiais e dos lençóis subterrâneos. Estudos pouco divulgados de pesquisadores idôneos demonstraram o déficit ocasionado pelo 'decréscimo na recarga nas áreas de chapadas reflorestadas da ordem de 164 mm/ano a 230 mm/ano'.

Só para se ter uma idéia da magnitude deste problema no Norte de Minas Gerais, no período de apenas um corte (ou seja, 7 anos em média), o comprometimento anual na recarga dos aquíferos da região foram na ordem de 1,640 bilhão de m³ de água. Este volume anual significa duas vezes ao equivalente armazenado pela maior barragem da região – a Barragem do Bico da Pedra que tem capacidade total de armazenamento de 750 milhões de m³ de água."

Terra arrasada

Agricultores sentem na pele

Os agricultores familiares da região sul estão sofrendo com as mudanças do clima. “Moro há 30 anos aqui e a gente percebe que há três as coisas foram piorando”, relata o agricultor e técnico em agroecologia, Luciano Mühlberg, que mora no interior de São Lourenço do Sul – RS. “Quando começamos com o ecológico há 10 anos, junto com o Capa, tinha algum problema com insetos, mas não era tanto como agora. A gente sabe que se o inverno é fraco, os insetos aparecem com muito mais força”, disse ele.

Outro indício das mudanças climáticas é a diminuição na produção de frutas, como por exemplo a pêra. “No tempo dos meus avós, eles produziam uma quantidade enorme, faziam *schmier*, era tanta fruta que muitas caíam no chão e ficavam para apodrecer. Hoje, se tenta vários tipos, inclusive híbridos, e não se consegue muito resultado. Perguntei a um técnico da Embrapa e eles disseram que a pêra precisa de horas de frio no inverno, e isso não tem acontecido – por isso a dificuldade de produção.” Uma temperatura de quase 30 graus em pleno junho não é normal. “Me lembro do meu avô contar que muitas vezes a torneira, na rua congelava de tanto frio. Hoje não vemos isso, e nem geadas temos tido mais”, confirmou Luciano.

Não é só a falta do frio que demonstra o desequilíbrio do clima. Chuvas em excesso ou a falta delas são outro demonstrativo de que algo está acontecendo. E qual a solução para o agricultor? “O jeito de ser agricultor está mudando muito. É preciso aprender a reorganizar a propriedade e trabalhar com diversificação, planejamento, administrando tudo com muito cuidado e evitando o desperdício. Agricultor que não calcular tudo na ponta do lápis não vai conseguir”, confirmou Luciano.

Elisson Pauletti, técnico do Capa Erexim – RS contou que naquela região também prossegue a grave estiagem do ano passado. “O normal seria termos uma seca entre os meses de novembro a fevereiro, mas em junho a situa-



Cisterna ferro-cimento utiliza tecnologia recente

ção continuava bastante difícil.” As poucas chuvas que ocorrem em locais isolados não são suficientes para restabelecer o nível de rios e de riachos.

“A agricultura é a primeira que sofre com a falta de água”, confirmou Elisson. “Aqui na região, alguns agricultores dizem que a situação vem piorando há cinco anos, outros falam em até 10 anos.” No que se refere à água, o Capa está apoiando um projeto piloto na propriedade dos Wuaden, de construção de uma cisterna ferro-cimento, que utiliza uma tecnologia ainda recente. “O custo é mais baixo e a durabilidade, maior”, contou Éderson Wuaden, que mora com os pais em Linha Floresta, Alto da Bela Vista, Santa Catarina.

“Fiz o curso de permacultura no Ecocentro Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado – Ipec, em Pirenópolis, Goiás, de onde trouxe a tecnologia”, contou Éderson. A cisterna foi construída no mês de março, em sistema de mutirão, para os outros agricultores aprenderem a técnica. “Muitos duvidavam que as telas segurariam o cimento”, relembrou Éderson. Mas a construção funciona, está de pé e já recolhendo as primeiras águas da chuva.

Técnico e agricultor, no entan-



Adubação verde ajuda a manter a umidade do solo

to, alertam – só a cisterna não resolve o problema da água. “A cisterna é um jeito de diminuir o problema, mas não é a solução”. Atitudes como reflorestar com árvores nativas ou preservar a mata ciliar do lado dos rios, para diminuir a evaporação da água; proteger as fontes existentes na propriedade de contaminação (por exemplo, por dejetos de animais ou mesmo de venenos); manejar corretamente o solo para manter a sua umidade – todas estas são atitudes que contribuem para diminuir os danos causados pela estiagem.

E a construção de poços artesia-

nos não seria uma solução? “É bom lembrar que a água é algo que se move, e se puxamos água sem controle num lugar, ela vai faltar em outro”, alertou a engenheira agrônoma Rome Schneider, coordenadora do Capa na cidade de Verê, no Paraná. A região também está sofrendo com a seca e vivencia uma situação quase dramática – o excesso de escavação de poços artesanais, sem um estudo detalhado do lençol freático, terminou por prejudicar o estoque de água. “Não dá para proibir os poços artesanais – às vezes, não se tem outra opção, mas estes devem ser feitos com o muito cuidado.”

Preservação do gado crioulo lageano

No dia 18 de janeiro um grupo de agricultores de Campo Alegre, interior de Barra do Rio Azul – RS, realizou uma visita às fazendas Igrejinha, Bom Jesus do Erval e Canoas, no município de Lages – SC. Nas fazendas visitadas existem criações de porcos da raça Moura Pata Negra, cavalos campeiros nativos da região e principalmente gado da raça Crioulo Lageano.

Este gado é descendente dos animais remanescentes das Missões Jesuítas, cuja origem está ligada a raças européias, principalmente da Península Ibérica (Espanha). Possivelmente tem raízes nos antigos bovinos Hamíticos, caracterizados por longos chifres, domesticados no Egito há 4 mil anos antes de Cristo. Esta raça vem sofrendo seleção natural há quase quatro séculos no planalto catarinense.

Atualmente, sua população se encontra reduzida. Nos campos lageanos está escrita a história deste gado imponente, através de enormes barreiras construídas com pedras, denominadas taipas. Elas serviam para evitar a dispersão do gado, diminuindo a possibilidade de roubo.

As principais características desta raça são:

- A cor dos pelos é variada



O grupo ficou impressionado com o trabalho de preservação do gado lageano

- Os chifres longos que crescem toda a vida
- A vida fértil começa a partir dos três anos
- Vivem aproximadamente 18 a 20 anos
- Pode engordar 1 kg por dia co-

mendo o capim mimoso

Os anfitriões da nossa visita, Nelson Araújo Camargo, Antônio Henrique Camargo e Edson Martini foram extremamente atenciosos. É admirável a sua dedicação para manter e preservar

esta raça de gado crioulo, driblando os problemas até mesmo da extinção. (Material elaborado e enviado pelos agricultores Décio Agostini, Dressani Agostini, André Agostini, Denian Agostini e Edegar Basseggio).

Capa marca presença em assembléia internacional

“Quem participou da 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas nunca mais vai esquecer a diversidade das pessoas e dos temas debatidos”, relatou a coordenadora do núcleo Pelotas, Rita Surita. O Capa teve uma atuação destacada no evento, realizado em Porto Alegre – RS, de 14 a 23 de fevereiro, no campus da Pontifícia Universidade Católica – PUC.

Além de manter um estande junto com a Fundação Luterana de Diaconia e seus projetos, promoveu uma oficina sobre agroecologia e participou na grande plenária sobre gênero.

O Conselho Mundial de Igrejas – CMI, que tem sede em Genebra, na Suíça, congrega mais

de 340 igrejas, denominações e comunidades em mais de 100 países e territórios, representando cerca de 550 milhões de cristãos em todo o mundo. A assembléia é o órgão máximo do CMI e é realizada de sete em sete anos. Antes de Porto Alegre, a assembléia aconteceu em Harare, no Zimbábue, em 1998.

Para o Capa, as atividades começaram mais cedo. Já nos dias 11 e 12 de fevereiro, a coordenação do Consórcio Capa e a Fundação Luterana de Diaconia receberam, em Pelotas, uma comitiva integrada por altos representantes de diversas igrejas alemãs e das entidades Pão para o Mundo – PPM e Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha

para o Desenvolvimento – EED, sigla em alemão.

No dia 11, O grupo de cerca de 50 pessoas conheceu a propriedade da família Radtke, a Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Agricultores da Região Sul – Cooper, o trabalho dos pescadores profissionais artesanais e de agroindústrias locais. Na Cooper, houve uma cerimônia especial, com o descerramento de uma placa de agradecimento ao apoio da EED. À tarde, aconteceu um diálogo com integrantes da União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu – Unaic, cooperativas Sulecológica, Lagoa Viva e Cresol, além da Fetraf. No meio da tarde, visitou a comuni-

dade quilombola da Serrinha.

No dia 12, depois do lançamento da pedra fundamental da igreja da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana São Paulo de Santa Tereza, ligada à Paróquia Barranco da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, os visitantes seguiram até a aldeia Guarani na Coxilha da Cruz, onde o Capa e o Comin mantêm atividades.

Também no dia 11, jornalistas estrangeiros que vieram cobrir a assembléia conheceram o trabalho do Capa. A visita, que durou um dia só, foi à comunidade quilombola do Torrão, no interior de São Lourenço do Sul e, à tarde, à propriedade da família Mühlberg.

Respeito ao tempo e aos processos

“O Capa, em sua relação com os agricultores, preocupa-se em respeitar os processos e seus tempos, que são diferentes de grupo para grupo”, avaliou o coordenador em Santa Cruz do Sul – RS, Jaime Weber. Com uma metodologia de trabalho diferenciada, a proposta do Capa busca transmitir informações de forma acessível e suas atividades têm como estratégia construir alternativas que possibilitem aos grupos de agricultores assimilar os conhecimentos de maneira prática.

“Em primeira instância, a assessoria tem como referência os níveis de organização, isto é, assistência em forma de visitas, reuniões e intercâmbios. Em uma segunda fase, as atividades de extensão buscam aprimorar as informações e conhecimentos, bem como conceitos e práticas”, confirmou Jaime.

Em um estágio mais avançado, os agricultores passam a ter uma relação mais direta e mais efetiva com os consumidores, geralmente através das feiras, cooperativas, pequenos mercados e até fornecedores. “Tudo isso leva tempo. Não acontece de uma hora para outra ou através de um simples curso de formação. Os diferentes níveis e fases em que cada organização se encontram variam em função de características culturais, sociais, ambientais e econômicas e dos distintos tipos de apoio e assessoria que são adotados”, disse o coordenador.

Para Áureo Frietzen, do Núcleo de Agricultores Ecológicos –

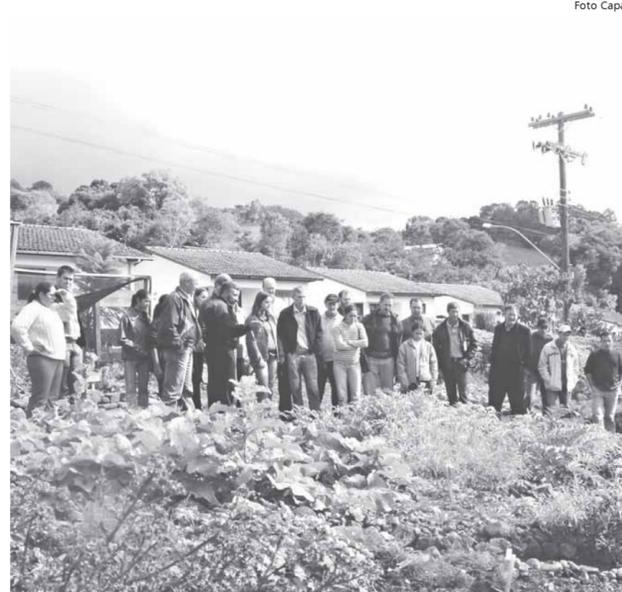


Foto Capa

Agricultores valorizam a troca de experiências

Naesc, Linha Seival, Santa Cruz do Sul, no processo da agroecologia, as trocas de experiências são fundamentais. “É bom ver iniciativas fora da propriedade, pois algumas idéias podem ser adaptadas e postas em prática na realidade local.”

Mauro Linhares Alves, da Associação dos Jovens Agricultores Ecológicos – Ajae, de Rio Pardo – RS, tem a mesma opinião. “A troca de experiências é muito importante, pois muitos já estão há mais tempo nesta caminhada e aprenderam coisas que nós ainda estamos aprendendo.” O jovem agricultor afirma que é bom,

para quem está iniciando, seguir os passos de quem já está trabalhando há mais tempo com a agricultura ecológica. “Na prática tu pode ver tudo mais aprofundado... com mais detalhes.” Mauro recebe assessoria do Capa desde 2002.

Arnildo José Neumann, da Associação de Jovens Ecológicos de São Martinho – Ajesma, Santa Cruz do Sul, já participou de muitas visitas de troca de experiência entre grupos e afirma que vale a pena investir neste tipo de aprendizado. “Sempre se aprende coisas novas, um manejo, alguma nova prática.”

Capa na Alemanha

No dia 6 de maio foi realizado em Nürnberg, na Alemanha, o 1º Dia Ecumênico Jovem da Igreja. Atividades lúdicas, celebrações ecumênicas, bandas, shows, inúmeras oficinas, culto de encerramento e muito movimento bem no centro da cidade, em pleno fluxo turístico. Diversas instituições e grupos envolvidos com projetos e atividades voltadas para a ajuda solidária em muitos lugares do mundo mostraram seu rosto e expuseram a sua causa: comércio justo, luta por uma produção justa de brinquedos, de bolas de futebol, de café.

Para minha agradável surpresa, logo ao lado do espaço do *Kirchlicher Entwicklungsdienst* (que se ocupou com o tema futebol) estava uma tenda dedicada ao Capa, da nossa IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Identificados como *Evangelische Jugend Epiphany und Erlöser*, uma equipe de jovens dedicou o dia a vender coquetéis refrescantes (sem álcool) para angariar fundos e subsidiar atividades do Capa no Brasil. O tema motivador do dia foi: *Weiter als du denkst!* (Para além da tua imaginação!).

A equipe que se ocupou com a venda dos “refrescos” procurou ir além da sua imaginação, em benefício de projetos e pessoas que nem mesmo conhecem. Impulsos para a transformação foram dados! Como diz o tema de nossa Igreja: Deus, em tua graça transforma o mundo: certeza, desafio e esperança! Assim se articula a solidariedade mundo afora! (Texto enviado pelo pastor Mauro Schwalm, de Nürnberg, Alemanha).

Alemães visitam Verê e Marechal Rondon

Um grupo de sete visitantes da Alemanha – quatro homens e três mulheres –, do Círculo de Trabalho para Desenvolvimento Político (*Entwicklungspolitischer Arbeitskreis* – AME, em alemão) da Juventude Rural Evangélica na Baviera, esteve visitando os núcleos de Marechal Cândido Rondon e Verê – PR, acompanhados pelo engenheiro agrônomo alemão Peter Schlee. A visita, que faz parte de um programa de intercâmbio exist-

tente há alguns anos, aconteceu entre os dias 11 a 16 de abril.

Em Marechal Rondon, a programação incluiu visita aos laboratórios de controle biológico da Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste, ao assentamento Ander e a famílias de agricultores assessorados pelo Capa. “Eles também viraram notícia, tendo sido inclusive entrevistados pela afiliada da Rede Globo local”, relatou o coordenador Vilmar Saar.

Em Verê, a agenda também foi intensa. “Na Vila Rural de São Luiz, os jovens alemães ficaram muito surpresos como é possível produzir alimentos com qualidade em espaços tão pequenos”, contou Rome Schneider, coordenadora do núcleo.

“Outra questão que os impressionou muito foi o trabalho em associativismo, o tempo que os agricultores passam juntos, trocando idéias e discutindo experiências,

como acontece aqui”, disse. “Na Alemanha, as pessoas são mais individualistas”, complementou a coordenadora.

Os visitantes também estiveram na propriedade ecológica da família Scuciato. Ali, foram recebidos pelo prefeito Adair Cecatto, pelo secretário municipal de Agricultura José Dall Osbel, juntamente com os agricultores que fazem parte da Associação de produtores orgânicos de São Jorge D’Oeste – Aorsa.

Por um Brasil agroecológico

As expressões e propostas do Brasil agroecológico. Este foi o foco do II Encontro Nacional de Agroecologia, realizado entre 2 e 6 de junho, em Recife (PE). O evento, organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia – Ana, é considerado um dos maiores encontros nacionais sobre o assunto. Reuniu cerca de 1,7 mil participantes: mais de mil agricultores e agricultoras familiares, representando todas as regiões do País; além de extrativistas, indígenas, quebraadeiras de coco, quilombolas, pescadores artesanais, professores e técnicos.

O evento, marcado pelas oficinas temáticas, seminários e testemunhos; duas grandes plenárias sobre agroecologia e agronegócio; uma feira com produtos, artesanato e material explicativo sobre os processos de produção, foi encerrada com um ato público no centro de Recife e a divulgação de uma Carta Política.

“O Capa enviou representantes de todos os seus núcleos (técnicos e agricultores) e, além de manter um estande na feira Saberes e Sabores, juntamente com a Cooperfas e a Ecovale, apresentou um trabalho de sistematização intitulado Domínio da Cadeia Produtiva da Cana-de-Açúcar com Experimentação e Gestão Participativa, relatou Jaime Weber, coordenador de Santa Cruz do Sul – RS. Jaime representa o Capa na Articulação Nacional de Agroecologia – ANA.

O grupo do Capa considerou os resultados muito positivos. “No sentido de troca de experiência e intercâmbio com outras entidades e regiões do Brasil, foi excelente. Quem aproveitou o espaço do Ena para fazer essas trocas, com certeza voltou para casa com muitas idéias e materiais na bagagem”, disse Vitor Hollas, de Erechim – RS.

Além disso, o evento se configurou como um importante espaço político e de articulação nacional sobre a agroecologia, pautado pela sociedade civil organizada, pelas ONGs e movimentos sociais. “Um momento muito expressivo do encontro aconteceu em sua plenária de encerramento, quando foi apresentado um vídeo gravado especialmente por Leonardo Boff que, em função de problemas de saúde, não pode estar presente”, contou a equipe do Capa. Foi uma mensagem motivadora e muito especial. “Todos ficaram muito emocionados.”



Foto Capa

O estande do Capa foi muito visitado

Carta política marca o encerramento

A plenária de Encerramento do II ENA contou com a leitura e aprovação da Carta Política, construída pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais de todos os estados brasileiros que estiveram juntos representando diferentes identidades sócio-culturais, reafirmando proposições e a defesa das pessoas e organizações que lutam pelo Brasil agroecológico. O documento, que será entregue aos representantes dos poderes municipal, estadual e federal, conterá uma síntese do evento; e servirá como um instrumento para pautar o debate político.

Entre as várias proposições referendadas, a estruturação de políticas de comercialização para os produtos agroecológicos; a importância de políticas públicas direcionadas para o reconhecimento das práticas populares, colocando aí os incentivos às pesquisas, com financiamento público; o reconhecimento da construção dos saberes agroecológico dos agricultores e agricultoras (como possuidores e mantenedores desse conhecimento); a garantia do direito de produção, troca e ou comercialização dos próprios produtos; a luta em defesa de um Brasil livre das sementes transgênicas e de agrotóxicos; a criação de uma rede nacional de sementes; o reconhecimento e visibilidade do traba-

lho das mulheres na agricultura, defendendo as políticas aplicadas ‘a questão de gênero; a estruturação de pesquisas participativas; visibilidade do conhecimento (práticas e experiências) de forma horizontal, em coerência com a filosofia da agroecologia.

Outro ponto referendado e destacado pela Carta foi o direito ao território e à reforma agrária como inseparáveis das propostas de um País agroecológico. Os agricultores e agricultoras defendem, entre outros pontos, a aprovação da PEC que prevê a expropriação de áreas onde ocorre o trabalho escravo; a revogação da MP 2027/2000, que impede vistorias de áreas ocupadas; revisão imediata dos índices de produtividade para efeito de desapropriação das terras; entre outros.

Por fim, a Carta Política retifica que a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA continuará atuando como um canal de interação horizontal das forças sociais transformadoras que, em sua diversidade, procuram construir convergências e unidades políticas em defesa da produção familiar agroecológica na luta contra o agronegócio e o latifúndio. (Fonte: Assessoria de Imprensa do II Ena)